



jornal da adua

Associação dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas - Seção Sindical/ANDES - SN



Adua completa 35 anos de resistência e luta



Seção Sindical do ANDES-SN desde novembro de 1990, a Adua defende há três décadas e meia uma carreira docente digna e uma universidade pública gratuita, democrática, de qualidade e socialmente referenciada

Página 6, 7 e 8



ENTREVISTA

Primeiro presidente eleito da Adua relembra desafios e lutas

Página 9



INSEGURANÇA

Cresce número de furtos no Campus Universitário

No ano passado, os furtos no Campus Universitário tiveram alta de 15% em comparação a 2012. A maioria das ocorrências foi registrada no período da manhã e tarde, com objetos como toca CD's, notebooks, dinheiro, mochilas e até roupas subtraídos em plena luz do dia

Página 3



DIA DO PROFESSOR

Docentes falam sobre o desafio da profissão

Página 4

TRANSPORTE

Mobilidade é tema de debate na Ufam

Página 5

No último dia 28 de outubro a Adua comemorou Bodas de Coral. Trinta e cinco anos, passados num piscar de olhos. Parece ter sido ontem que um grupo de professores, da então Universidade do Amazonas, se reuniu para criar um espaço político de atuação sindical em defesa não apenas dos interesses da categoria docente, mas principalmente de uma Universidade Pública a serviço da sociedade. A matéria central deste jornal presta uma homenagem à nossa "Adua Veia de Guerra" e a sua história de mobilização e tomada de consciência na participação coletiva. A história da Adua não é apenas uma história de mobilização paredista; é também isso, mas sobretudo a defesa intransigente dos direitos da categoria, da qualidade de ensino, da educação pública e da autonomia das IFES.

Complementa esta matéria a entrevista concedida pelo professor Randolpho Bittencourt, o primeiro presidente eleito da Adua-SS, que relembra as dificuldades enfrentadas para a criação do nosso sindicato durante a ditadura empresarial-

-militar, e alerta para o risco atual do sindicalismo vir a ser moldado pela ideologia neoliberal que endemoniza as reivindicações trabalhistas como adversárias do Estado de direito. Como lembra o nosso primeiro presidente, mais do que nunca se faz necessário um sindicalismo independente e comprometido com a categoria e com a Universidade Pública.

Questão sempre recorrente em rodas de conversa, e em discussões formais, as precárias condições de acesso e mobilidade no Campus foi tema de encontro realizado no auditório da Adua. Professores, estudantes, técnico-administrativos e membros da comunidade externa discutiram tanto as más condições de transporte público que atende ao Campus como o "excesso excessivo" – por assim dizer! – de automóveis, o que quer dizer de meios de transporte individual, que em última análise aponta a enorme deficiência de transporte coletivo à disposição da comunidade universitária. Por mais pertinente que seja a discussão – e realmente é! – é necessário o cuidado de não nos deixarmos levar pela tentação ilusória de

que a alternativa a tais problemas deve ser a construção de mais vias de acesso ao Campus, que além de não solucionar a questão contribuirá para a fragmentação da área verde do Campus, este sim o "nosso verdadeiro patrimônio".

Outubro é o mês em que se comemora o Dia do Professor. Para marcar data, a Assembleia Geral da Adua, realizada em 22 do último mês, contou com a alocação do professor Ernesto Renan de Freitas Pinto, que lembrou a importância dos antigos mestres que nos estimularam o gosto pelo conhecimento e nos abriram os olhos para o mundo. As palavras de Renan em tributo a antigos mestres, e os depoimentos de colegas professores ainda hoje no exercício da paixão pela docência, são apresentados nesta edição como homenagem do Jornal da Adua a todos os professores da Ufam. Parabéns aos professores e professoras, aqueles que por acreditar na Educação como uma possibilidade de mudar o mundo, dedicam suas vidas a uma carreira tão mal compreendida, e pessimamente valorizada pelos políticos e pelas autoridades governantes.

Notas

Campanha Unificada

O Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais (SPF) realizou entre os dias 14 e 16 de novembro, em Brasília, um seminário nacional para discutir a conjuntura política e econômica e definir os eixos da campanha unificada 2015, a partir de um mote comum.

Segundo o tesoureiro do ANDES-SN, Amauri Frago do Medeiros, a proposta do seminário foi oferecer subsídios para que os representantes dos SPF, a partir da discussão coletiva, definissem instrumentos e os eixos para fortalecer a luta unificada dos servidores federais. Com a ampla participação das bases de todas as entidades representadas no Fórum, o evento reuniu aproximadamente 500 servidores.

Dedicação exclusiva

No último dia 24 de outubro, o Tribunal de Contas da União (TCU) determinou que o Ministério da Educação (MEC) regulamente, junto às entidades federais de ensino, a mudança de regime de trabalho para dedicação exclusiva do professor que esteja próximo de adquirir o direito à aposentadoria. O pedido feito pelo tribunal teve como motivo a identificação de uma lacuna na legislação e na jurisprudência referentes aos professores do ensino superior e do ensino básico, técnico e tecnológico das instituições federais de ensino superior que permitiria aos professores duplicar os ganhos após a aposentadoria. Segundo o TCU, com a lacuna os docentes que trabalharam a vida toda em regime de trabalho de 20 ou de 40 horas têm a possibilidade de pedir, a pouco tempo de se aposentar, mudança do regime para dedicação exclusiva. Com isso, eles levariam para a aposentadoria a remuneração desse regime, que corresponde, aproximadamente, ao dobro da relativa ao regime de 40 horas sem dedicação exclusiva e ao quádruplo da

correspondente ao regime de 20 horas.

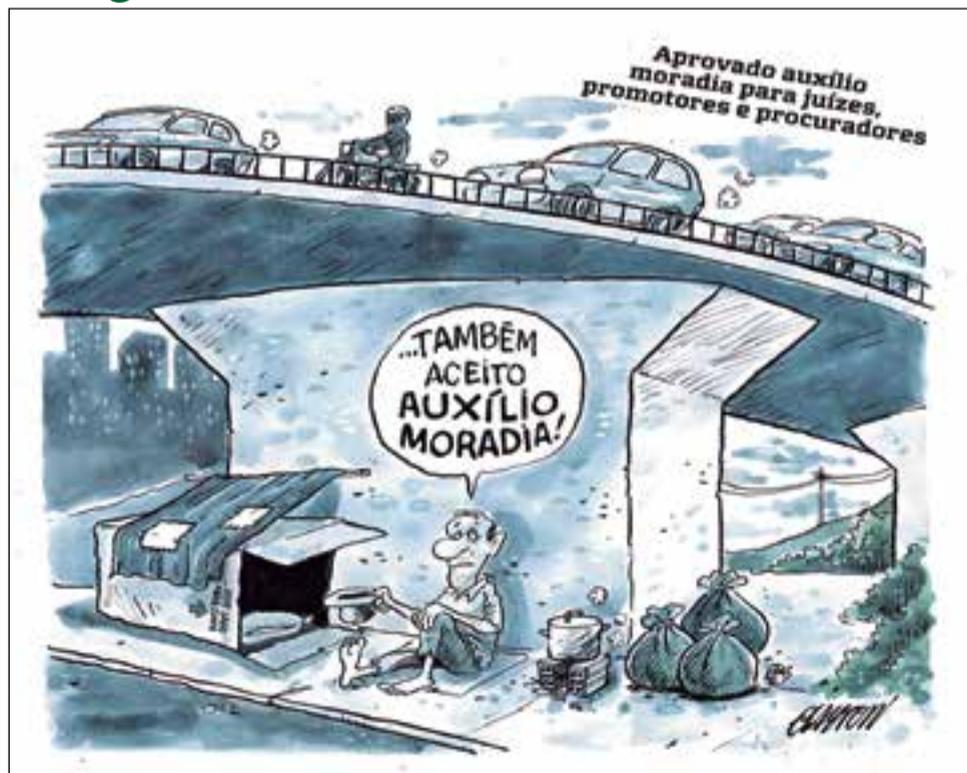
Certame

A Advocacia-Geral da União (AGU) afastou, em outubro deste ano, na Justiça, o pedido de nomeação de um candidato classificado fora do número de vagas de um concurso da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) para o cargo de professor assistente 'A' do Departamento de Engenharia de Produção da Instituição de Ensino. O Edital 01/2013 previa apenas uma vaga para o posto. O concorrente, aprovado na 2ª colocação do certame, ajuizou ação contra a Ufam com intuito de obrigar a Universidade a assegurar indevidamente a vaga por ele exigida. Como argumento o requerente alegou que dentro do prazo de validade do concurso houve abertura

de vagas, porém a Instituição optou por prorrogar o contrato temporário de outra professora. Na versão da Procuradoria Federal no Estado do Amazonas (PF/AM) e a Procuradoria Federal junto à Fundação Universidade do Amazonas (PF/FUA) a prorrogação do contrato de trabalho de professor temporário foi para substituição de docente lotado no Departamento de Engenharia Eletrônica e Telecomunicações, área não compatível com o perfil para o qual o autor foi classificado.

As unidades da AGU defenderam ainda que os candidatos classificados além do número de vagas previstas no edital do certame não têm direito à nomeação, pois possuem apenas expectativas de serem convocados dentro do prazo desde que surjam vagas e haja interesse e necessidade da Administração.

charge



O jornal da ADUA é uma publicação da Associação dos Docentes da UFAM - Seção Sindical do ANDES-SN.

Diretoria: José Alcimar de Oliveira (Presidente), Lino João de Oliveira Neves (1º Vice-presidente), Aldair Oliveira de Andrade (2º Vice-presidente), Ana Lúcia Gomes (1ª Secretária), Antônio Batista da Silva (2º Secretário) e José Humberto Michiles (1º Tesoureiro) e Ana Cristina Belarmino (2ª Tesoureira).

Coordenador de Comunicação: Anderson Vasconcelos (SRTE-AM 459)

Jornalista Responsável: Annyelle Bezerra (SRTE-AM 491)

Reportagem: Anderson Vasconcelos (SRTE-AM 459), Annyelle Bezerra (SRTE-AM 491) e ANDES-SN

Projeto Gráfico e Arte: Herivaldo da Matta (Kuca)

Fotografias: Anderson Vasconcelos e Annyelle Bezerra

Impressão: Gráfica Silva. 2000 exemplares.

Fone/Fax: (92) 3088-7009/ 3305-4103

e-mail: aduass@uol.com.br; imprensa.adua@gmail.com

Endereço: Avenida General Rodrigo Otávio Jordão, 3000, Campus Universitário, Setor Sul, Coroado, CEP: 69080-005 - Manaus-Amazonas. Site: www.adua.org.br

■ Ousadia

Maioria dos furtos na Ufam ocorre à luz do dia, diz Divisão de Segurança

Fotos: Divulgação/ DS-Ufam

Sair para tomar água e deixar o notebook na sala de aula, manusear o celular enquanto aguarda um amigo no corredor ou deixar no armário artigos de higiene pessoal são apenas alguns dos hábitos que alunos e professores da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) devem abolir da rotina para que não sejam vítimas de furtos, dentro da instituição. De acordo com dados da Divisão de Segurança da Universidade (DS/Ufam), de 2012 até agosto deste ano, 36 furtos foram registrados no Campus, destes 29 (80,5%) no período da manhã e tarde.

Fatores como negligência e imprudência com os pertences, por parte das vítimas, de acordo com o diretor da Divisão de Segurança do Campus Universitário e servidor da Ufam há quase 30 anos, Américo Siqueira, são os que mais contribuem para a subtração de bens, dentro da instituição, durante o dia.

“Sempre digo que a ocasião é que gera o ladrão e aqui na Universidade é muito comum os alunos deixarem mochilas apoiadas no chão e se afastarem para conversar. É como se eles estivessem na casa deles”, afirmou.

Com 13 furtos, destes 11 registrados das 7h30 às 15h40, o ano de 2012 foi o segundo com o maior número de crimes do tipo. Foram cinco furtos pessoais, quatro

patrimoniais e quatro roubos a veículos. Objetos como toca CDs, notebooks, dinheiro, Data Shows, mochilas e até roupas e artigos de higiene pessoal estiveram entre os preferidos dos ladrões, no período.

Em 2013, os furtos dentro do Campus Universitário tiveram alta de 15% em relação ao ano anterior, com 15 ocorrências, entre 8h20 e as 16h30, no total. O ano, segundo Siqueira, foi também o que apresentou uma situação bastante inusitada para os vigilantes, alguns com mais de 40 anos na função.

“O furto envolveu uma acadêmica de Engenharia Química e um aluno do curso do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, sendo necessário visualizar as imagens das câmeras de segurança para comprovar que o rapaz, que afirmava ter pedido o celular da jovem emprestado, tinha de fato roubado o aparelho empregando violência”, informou o diretor de segurança.

As imagens, registradas às 15h pelas câmeras de segurança da Faculdade de Tecnologia (FT) mostram o acadêmico arrancando o aparelho das mãos da aluna sentada num banco e que posteriormente é arrastada no chão por vários metros. Após ser contido pelos vigilantes o acadêmico foi encaminhado ao 9º Distrito Integrado de Polícia (DIP), para autuação



Há menos de um ano, a Faculdade de Medicina, no Boulevard, teve uma das janelas arrombadas durante a madrugada após o ladrão escalar a parede nos fundos do prédio

em flagrante.

Apontadas pelo diretor como aliadas nas investigações de furtos, nas dependências do Campus Universitário, composto por 6,7 milhões de metros quadrados (m²), as câmeras de vigilância monitoradas pela DS/Ufam estão quase todas instaladas no Setor Norte da Ufam. O perímetro que compreende a Reitoria, o Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) e as Faculdades de Direito, Edu-

cação e Tecnologia possui 54 equipamentos, enquanto só há dois no Setor Sul (Mini Campus).

“No Setor Norte elas foram implantadas, em 2011. No Sul ainda estão fazendo a instalação, mas já existe uma no Viveiro Florestal e outra no estacionamento do Auditório Eulálio Chaves”, informou Siqueira.

De janeiro a agosto deste ano, oito furtos foram registrados dentro da Instituição, destes, quatro durante a ma-

nã e tarde. Só no mês de janeiro foram três ocorrências. O caso mais chocante esteve relacionado ao assalto à mão armada de um técnico da empresa Brastelecom que realizava manutenção na rede de fibra óptica, nas proximidades do estacionamento da FT. Na ação o veículo da empresa e diversos equipamentos eletrônicos foram levados por dois ladrões. Nove infratores foram detidos pela DS/Ufam por furto, dentro da Instituição.

IMAGENS CEDIDAS PELA DS/UFAM



Carro arrombado próximo à quadra da FEEF teve o rádio furtado



Fechadura arrombada na FT durante furto de um notebook



Veículo da empresa de telefonia Brastelecom é recuperado pela DS/Ufam



Aluna do curso de Engenharia Química é arrastada durante furto na FT

■ Dia do Professor

Docentes da Ufam falam sobre os desafios atuais da profissão

Comemorado no último dia 15 de outubro, o Dia do Professor reforça a reflexão sobre os desafios enfrentados diariamente pelos homens e mulheres chamados pela carreira docente. Para os professores da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), fatores como a falta de compromisso ético, desvalorização da carreira, assédio moral e sucateamento da universidade pública estão entre os principais entraves a serem superados no campo da Educação.

Mestre em Educação e professora da instituição, há cinco anos Elciclei Faria afirma que reverter a desvalorização da profissão e o descaso do governo e da sociedade com a figura do professor é essencial para que estes atores não se sintam desmotivados.

“Quando penso na carga horária e nas infinitas atividades que assumo no coti-

diano da profissão, às vezes me pergunto: quando é que eu vou conseguir ser professora? E essa sobrecarga está relacionada, entre outras questões, à desestruturação da carreira e desvalorização da profissão”, afirmou.

Mas se a luta por melhores condições de trabalho é importante para garantir aos atuais docentes um ambiente de trabalho saudável e digno, a busca por jovens que queiram de fato assumir a docência é um desafio ainda maior, segundo Elciclei, uma vez que a maioria dos alunos que ingressam nos cursos de licenciatura, hoje, não queriam e nem sonharam em serem professores.

“A grande maioria dos jovens que chega à carreira docente, não escolheu ser professor e isso é lamentável e preocupante. Tenho visto, em cursos de licenciatura que a escolha se deu porque a ‘pontuação’ só permitia ingressar nesses cursos”, res-

salta Elciclei.

Apesar dos desafios, a docente, que já atuou na formação de professores indígenas e na Educação Infantil destaca que caso tivesse a oportunidade de escolher novamente uma profissão, a

“A profissão do professor é a mais nobre que existe, porque é dela que depende todas as outras”,

Oswaldo Coelho, professor aposentado da Ufam

docência seria a primeira opção. “Acredito na educação e no processo de aprender, ensinar e aprender”, disse.

Também apaixonado pela docência, o professor aposentado da Ufam, Oswaldo Coelho afirma que mesmo

se tivesse a oportunidade de mudar de área, optaria pelo magistério.

“Eu escolheria primeiro ser aluno, mesmo na idade em que eu estou, para em seguida continuar a ser professor. Pois apesar de sacrificada, com o profissional precisando trabalhar nos três turnos para aumentar um tostão, a docência é uma profissão ética que não visa enriquecimento”, afirmou Osvaldo.

O professor aposentado destaca ainda a essencialidade do docente.

“A profissão do professor é a mais nobre que existe, porque é dela que dependem todas as outras profissões. E se o professor faz isso com consciência, ele está cumprindo o seu papel”, destacou.

Professor da Ufam há 25 anos, Luiz Carlos Martins afirma que os principais desafios de atuar na carreira docente são: militância para

melhorar as condições de trabalho (incluindo o vínculo com o movimento sindical e o movimento estudantil, atuação dentro dos órgãos de decisão na universidade, contato com os órgãos de fiscalização de políticas e concessões públicas e a resistência contra o assédio moral que cada um pratica em algum nível e que as distorções na concepção de chefia, de administração, de produtividade e de democracia produzem); e compromisso ético para enfrentar o descompasso entre teorias e práticas profissionais.

“Precisamos construir uma universidade plural, que possibilite práticas solidárias e democráticas, que enfrente os modos de dominação e controle usurpadores de uma jornada melhor para todos; que confronte os efeitos produzidos pelos imperialismos e ditaduras, políticos, econômicos e ideológicos”, afirmou.



Artigo

Um tributo ao magistério

Todos nós guardamos em nossas lembranças a imagem de professores que se tornaram exemplos não propriamente e apenas por nos estimularem a gostar das disciplinas que ensinavam, mas por abrir os nossos olhos para o mundo. Por nos fazerem viver as primeiras experiências críticas e de descobertas fundamentais.

A nossa expectativa, enquanto professores, é portanto também, que não sejamos apenas fornecedores de conteúdos disciplinares e transmissores de conhecimentos, mas que participemos do processo da educação efetiva de nossos estudantes, ou seja, da formação de cidadãos socialmente responsáveis e de indivíduos cada vez mais emancipados. Esse ideal que a educação herdou do pensamento iluminista, e que em sua essência permanece válido, em particular num tempo fascinado pela razão instrumental.

Desejo nessa ocasião lembrar com vocês – até porque

muitos aqui presentes foram seus protagonistas – de um dos mais destacados papéis desempenhados pelos professores, tanto do ensino médio como do ensino superior, nas décadas de 60 e 70 que tiveram uma repercussão surpreendente na sociedade de forma abrangente e contribuindo para reacender o sentido da luta política pelos direitos da cidadania.

Pois, ao irem para as ruas, professores e estudantes estavam realizando uma experiência pedagógica de alcance amplo, envolvendo a sociedade em seus movimentos de retomada e mesmo de novas conquistas do espaço público. O papel principal da Associação Profissional dos Professores do Amazonas (APPAM) foi fundamentalmente o de educar os educadores, ou seja, de formar uma consciência política comprometida para além da luta corporativa, pois tratava-se na verdade de participar da reconstrução do estado de direito e da redescoberta da cidadania

e da democracia, como ações necessárias para afugentarmos o pesadelo e a desesperança infligidos ao povo brasileiro pelo regime da ditadura e da cultura autoritária.

Lembramos ainda que a APPAM enfrentou, além do autoritarismo que foi exercido de diferentes modos pela ditadura e que nos deixou traços fortes dentro da própria universidade brasileira, que ela enfrentou também, insisto, o poder populista que se reinstalava aproveitando a chamada abertura.

No fim das contas, os movimentos mais organizados da sociedade, além do movimento sindical, que emergia fortemente estimulado pelas novas relações entre o capital e o trabalho, encontraram na mobilização de professores e estudantes não somente um apoio aberto, mas se sentiram fortemente identificados com a combatividade do movimento docente e dos estudantes, como também reconheciam a ideia de que estávamos todos

construindo um novo protagonismo social.

Uma ideia bastante arraigada e que já pertence ao senso comum é de que a Educação em sentido amplo e particularmente a universidade e seu corpo social encontram-se afastados, de costas para a sociedade. Esse é um preconceito que deve ser combatido tanto em nosso próprio ambiente de trabalho como no âmbito social. Isto porque, na verdade, a universidade normalmente tem participado da construção da sociedade, de suas instituições, de suas atividades profissionais, técnicas, culturais e artísticas e quando afirmamos isso, é claro que precisamos reconhecer que também, em muitas situações, não tivemos a participação que esperávamos ou devíamos ter e que a própria sociedade em escala local, regional e nacional tem cobrado de nós, profissionais qualificados, formadores da opinião pública, professores, artistas e estudantes.

Entretanto, quero lembrar nesse breve tributo que estamos rendendo aos professores, que eles estiveram presentes no processo de reorganização da sociedade em termos de suas necessidades tecnológicas, científicas, culturais e artísticas.

Em cada um desses campos vamos encontrar figuras como Nivaldo Santiago e Dirson Costa, no campo da música, de Ediney Azancoth e Nereide Santiago, no campo teatral, Erasmo Linhares e Deocleciano Bentes de Souza, no campo da comunicação, Farias de Carvalho e Milton Hatoum, no âmbito da literatura. Essa lista poderia se prolongar indefinidamente em todos os campos da atuação profissional e cultural, atestando em cada um desses registros de nossa memória, a presença afirmativa de todos os nossos mestres.

Renan Freitas Pinto é professor aposentado da Ufam e doutor em Ciências Sociais.

Transporte Coletivo

Alunos e servidores debatem mobilidade na Ufam

Foto: Anderson Vasconcelos

Estudantes, docentes e técnico-administrativos da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) cobram, continuamente, melhorias no transporte coletivo que serve a comunidade acadêmica e também ações que promovam o trânsito seguro no Campus. A pauta é recorrente nos encontros promovidos pelo Movimento Educar para a Cidadania, na sede da Adua. No último debate sobre o tema, realizado em outubro, e que teve como foco “A humanização do transporte coletivo na Ufam”, a acessibilidade foi uma das questões levantadas.

Pesquisa realizada por estudantes de Geografia mostra que duas linhas (352 e 125) que atuam no Campus Universitário atendem parcialmente os requisitos específicos para pessoas com deficiência. O caso mais crítico é da linha 616 que não dispõe de plataforma de acessibilidade para cadeirantes em nenhum dos veículos. “É preciso pressionar para que haja a renovação da frota, a troca da empresa que não tem ônibus adaptado para deficientes e ainda exigir a manutenção dessas plataformas, pois algumas já apresentam defeitos”, reclamou o estudante Renan Tinoco.

Entre as sugestões de melhoria do transporte coletivo apresentadas pelos graduandos está a reativação da linha 354, passando pelo Terminal 4 (Jorge Teixeira), a instalação de “botões de pânico” próximo aos condutores, para que a polícia seja acionada em caso de assalto e ainda a reinstalação das placas contendo os horários de saídas dos coletivos. “Essa última é uma medida para que nós, estudantes e servidores, possamos exercer o controle e cobrar do administrador de linha explicações em caso de atraso”, afirmou o estudante Pedro Patriota.

Para o técnico-administrativo Luiz Carlos Bonates é preciso

ainda reduzir o intervalo de tempo entre saídas da linha Integração pelo menos nos horários mais demandados pela comunidade acadêmica. “Eu pego o Integração todos os dias em frente ao INPA e levo mais de meia hora para chegar ao Campus. Isso porque é impossível entrar nas primeiras horas da manhã ou no fim do dia. Hoje mesmo eu vim pendurado na porta porque não tinha como entrar”, criticou.

A estudante Gabriela Santana, após apresentar um estudo sobre a localização e a utilidade das paradas de ônibus da Ufam, afirma que a instalação de abrigos carece de mais cuidado por parte de quem planeja e executa a obra. “Não adianta construir paradas em qualquer área, sem antes estudar a dinâmica espacial daquele lugar, a circulação de pessoas e automóveis pela via”, avaliou.

Gabriela fez duras críticas à instalação de dois abrigos que custaram R\$ 26 mil cada aos cofres públicos e são praticamente inutilizados. “Foram implantados abrigos próximos ao estacionamento da FT e da FES, onde nunca há ninguém utilizando porque ali só ocorre desembarque. Enquanto isso, no ponto em frente à FCA e naquele após a guarita do Campus, não há abrigo. Sempre há muita gente nesses dois pontos, suportando diariamente a forte incidência solar e as constantes chuvas”, lamentou.

Motorista de transporte coletivo, Luís Odilo chamou atenção para um caso grave: a falta de manutenção nos veículos. “Pneus carecas, ônibus sem freios e você é obrigado a sair nessas condições”, afirmou. Odilo disse que se recusa a deixar a garagem nessas ocasiões, mas não vê a mesma relutância nos colegas mais novos. Ele também pede mais fiscalização dos órgãos competentes e, ainda, que seja exigido das empresas um plano de capacitação continuada para condutores.

“Quando entrei no sistema pensei que fosse receber um treinamento para lidar com o usuário. Não recebi sequer informações sobre a linha e a rota. O que você



Comunidade acadêmica pede mais fiscalização nos veículos, acessibilidade e controle nos horários

Sinalização e campanhas de educação são apostas da Prefeitura do Campus

O prefeito do Campus, professor Atlas Baccellar levantou preocupação com o aumento no número de acidentes de trânsito no Campus e afirmou que grande percentual das ocorrências se deve a erro humano. “A educação no trânsito é algo fantástico na Ufam”, ironizou. Ele citou como exemplos das condutas inadequadas o caso de condutores, inclusive motoristas do transporte coletivo, que desrespeitam o limite de velocidade (40Km/h) na estrada do Campus, que não dão preferência a quem está na rotatória e ainda os que estacionam em lugares inapropriados.

Fortalecer a sinalização e promover uma campanha de educação estão entre as ações planejadas para o Campus Universitário. O prefeito do Campus não descarta a possibilidade de implantação de redutores de velocidade, a pedido da Reitoria, ou mesmo a colocação de equipamentos para fiscalizar o respeito à velocidade máxima permitida. Mas essas medidas

ainda estão sendo estudadas pela Prefeitura do Campus com apoio de especialistas da Ufam.

O diretor de Transportes Urbanos da SMTU, Waldir Frazão, disse que é necessário mais que vontade política para resolver o problema de transporte coletivo no Campus e na cidade de maneira geral. “Manaus tem esse problema há muito tempo. Sem uma vultosa quantia de recursos financeiros nós não vamos conseguir fazer nada. Também não há outro meio para melhorar o sistema de transporte coletivo se nós não dermos prioridade para o ônibus”, afirmou.

De acordo com Frazão, a Prefeitura de Manaus contratou recentemente uma empresa para fazer uma pesquisa sobre o transporte coletivo na capital, cujo resultado deve orientar a aplicação de medidas voltadas para a área. Em relação às demandas apresentadas pela comunidade acadêmica, ele afirmou que a Superintendência está aberta para estabelecer parceria com a Ufam.

pode esperar de um motorista?”, questionou.

Fiscalização

Para o doutor em Ciências em Engenharia de Transportes, professor Geraldo Alves, a melhoria do transporte coletivo no Campus – e na cidade – também perpassa pelas ações de fiscalização, entre elas a avaliação sobre a lotação dos veículos. “A Superintendência Municipal de Transportes Urbanos (SMTU) não está fazendo o monitoramento da taxa de ocupação dos veículos”, disse. O docente do Departamento de Geografia da Ufam contou que em certa ocasião seguiu em pé na linha 352, do ponto de ônibus do ICHL até o Terminal 3, na Cidade Nova, cerca de 20 km de distância. “Isso porque já estava lotado. Cadê a fisca-

lização e o planejamento para oferecer o transporte público de qualidade?”.

Na avaliação do professor da Faculdade de Educação Jacob Paiva, o planejamento da cidade precisa priorizar as pessoas e não os veículos. “A lógica dessa sociedade capitalista é o carro individual e não o transporte coletivo. O governo incentiva a diminuição no preço do carro, todo mundo compra um automóvel e depois as pessoas reclamam do trânsito na cidade, sem antes ter discutido com o executivo municipal a estrutura viária de Manaus”, ponderou.

“A universidade não é uma torre de marfim. Os problemas que ocorrem aqui são reflexo do que acontece lá fora” disse, alertando que quem dirige mal e tem comportamento inadequado no trânsito nas vias da

capital certamente o reproduzirá na estrada do Campus. Para ele, urge a necessidade de realização de campanhas educativas no Campus da Ufam. “Se tivermos que apelar para medidas de sinalização mais coercitivas, assim deve ocorrer”, completou.

Para o presidente da Adua, professor Alcimar Oliveira, quando se discute “mobilidade urbana e trânsito” se coloca em evidência a discussão sobre o atual modelo de sociedade. “São questões que deveriam ser encampadas pelo Estado, pelos municípios, pela própria Ufam”, disse o docente, recorrendo a Platão para destacar a necessidade de refletir sobre os problemas complexos em sua abrangência geral: “é dialético quem consegue elaborar uma visão de conjunto”.





Assembleia Geral aprova greve da categoria em meados de 2000



Prof. Aloysio Nogueira partilha análises nas AGs há mais de 30 anos



Filiados da Adua participam de ato nacional pela educação em 1985



Professores da Ufam em agenda de mobilização na greve de 1991

28 DE OUTUBRO

Adua completa 35 anos

Era um fim de tarde de domingo naquele 28 de outubro de 1979. Em tempos de crescente organização da classe trabalhadora brasileira na luta pela redemocratização no país, em um período marcado pela ditadura empresarial-militar, dezenas de professores da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) reuniram-se para dar um passo importante na defesa dos direitos da categoria e de uma universidade pública, gratuita e socialmente referenciada. Nascia naquela data a Adua, a Associação dos Docentes da Ufam, entidade que conta atualmente com 920 associados.

A Assembleia Geral (AG) de Fundação da entidade teve início às 17h daquele domingo e ocorreu no auditório da Faculdade de Estudos Sociais, localizado, naquela ocasião, na Rua Monseñor Coutinho, Centro. Durante a sessão, aberta pelo professor, hoje aposentado, Aloysio Nogueira, à época presidente da Associação Profissional dos Professores do Amazonas (APPAM), os professores discutiram, capítulo a capítulo, o Estatuto da entidade, publicado pouco mais de um mês depois no Diário Oficial, no dia 9 de dezembro.

“Essa história diz muita coisa, mas não se expressa propriamente por palavras. É um sentimento que permanece vivo até hoje”, disse o primeiro gestor da Adua, presidente provisório da entidade, professor aposentado Osvaldo Coelho. Ele coordenou as atividades da Associação até meados de 1980, em preparação à primeira eleição da entidade, e destaca que desde o início dos trabalhos é intensa a luta da ca-

tegoria. “A universidade não é um patrimônio de meia dúzia dos que a dirigem, mas é um patrimônio público, do povo e, portanto, deve estar mais próxima da sociedade. Por isso, todos estavam e estão dispostos a lutar por essa universidade”, ressaltou.

Além de Coelho e Nogueira, a mesa diretora da AG de Fundação contou com o apoio dos professores José Ribamar Bessa Freire, Heyrton Bessa, José Henrique Mesquita, Antônio Carlos Monteiro e Marcílio de Freitas. “Naquela época, nós não tínhamos liberdade ou autonomia plena, do ponto de vista didático, administrativo e de escolha dos nossos dirigentes, nem um pla-

“Essa história diz muita coisa, mas não se expressa propriamente por palavras. É um sentimento que permanece vivo até hoje”.

Prof. Osvaldo Coelho

no de carreira que valorizasse a profissão e a nossa categoria”, disse Freitas, recordando o contexto em que se deu a fundação da Adua. Para ele, essas pautas permanecem vivas, mas com desafios maiores.

Ainda na AG de fundação, os professores fizeram um intervalo para a inscrição das chapas concorrentes à eleição da primeira diretoria da seção sindical. Inicialmente, inscreveram-se duas composições, mas uma delas declinou. A chapa que concorreu

ao pleito era formada pelos professores Edineia Mascarenhas (Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL), José Henrique Mesquita (Instituto de Ciências Exatas – ICE), José Odair Pereira (Instituto de Ciências Biológicas – ICB), Marcus Luiz Barros (Instituto de Ciências da Saúde), Marilene da Silva Ribeiro (ICHL), Osvaldo Gomes Coelho (ICHL) e Randolpho de Souza Bittencourt (Faculdade de Estudos Sociais – FES, concorrente ao cargo de Presidente).

Antes de encerrar a Assembleia, a acadêmica de jornalismo Mônica Maia foi a primeira estudante a expressar apoio à entidade recém-criada, por meio da leitura de um manifesto do Centro Universitário de Comunicação Social (Cucos) à entidade. O professor José Ribamar Bessa Freire também propôs voto de louvor à Comissão Pró-Fundação da Adua. A Ata da 1ª AG foi assinada por 36 docentes.

1º pleito da Adua

Como a entidade tem na democracia e na participação política alguns de seus princípios, a Adua não tardou a convocar as eleições para a escolha de sua primeira diretoria democraticamente escolhida pela base da categoria. O primeiro pleito ocorreu no dia 30 de abril de 1980, uma quarta-feira, na primeira sede da entidade, na rua Afonso Pena, nº 581, Centro. A mesa receptora dos votos foi instalada às 8h e funcionou até às 22h.

Ao todo, foram computados 112 votos, conforme informações da Mesa Apuradora da época. A chapa “Democracia e Participação”, que tinha como candidato



A Adua foi a AD anfitriã do Congresso do ANDES-SN de 1993, realizado pela 1ª vez em Manaus



s de luta e resistência

à presidência o professor Randolpho Bittencourt (confira mais detalhes na Entrevista desta edição, na página 9), foi eleita com cem votos, em um pleito que teve ainda três votos brancos e nove nulos. A gestão foi eleita para o biênio 1980/1982.

Durante a cerimônia de posse, conduzida pelo professor Aloysio Nogueira, no dia 9 de maio de 1980, no auditório da FES, Bittencourt destacou a luta por uma gestão compartilhada da Universidade, com uma participação mais efetiva da entidade na formulação das “diretrizes operacionais da Fundação Universidade do Amazonas”, conforme Ata da AG de posse.

Em seguida, usou da palavra o professor Otávio Mourão, reitor da então Universidade do Amazonas (UA), que, após cumprimentar a diretoria empossada, destacou a seriedade e responsabilidade assumida pelos recém-eleitos, no cumprimento do cronograma de trabalho. A despeito do cronograma de ações, desde a fundação a Adua valoriza a importância das lutas conjuntas dos professores de todos os níveis na busca por melhores salários e condições laborais – integração destacada pelo professor Aloysio Nogueira.

Movimento Paredista

A primeira paralisação das atividades dos docentes ocorreu nos dias 11, 12 e 13 de junho de 1980, quando os sindicalizados decidiram realizar o 1º Encontro de Professores Universitários do Amazonas, para debater os temas “A democratização da universidade e a Estrutura de poder”; “A responsabilidade na formação profissional” e “A reestruturação da carreira do Magistério Superior”, pautas aprovadas por unanimidade pela categoria.

Ao longo de mais de três décadas de existência a Adua liderou inúmeras paralisações de atividades para chamar atenção da sociedade e do governo quanto à necessidade de valorização da carreira e da universidade pública. Nesse período, também houve greve longas como as de 2001 e 2005, que duraram respectivamente 110 e 106 dias. O maior movimento paredista da história das universidades públicas se deu em 2012, quando os docentes fizeram uma greve forte de 120 dias.



Entidade realiza atividades nas praças desde os anos 80

Adua se torna Seção Sindical do ANDES-SN no início dos anos 90

A Adua só se tomou seção sindical do ANDES-SN no dia 22 de novembro de 1990, com a instalação de uma Assembleia Geral Permanente para referendar a alteração. Mas, não sem antes intensificar o debate a respeito da mudança, prática comum na história da entidade que se pauta pelo acolhimento das contribuições dos professores, sejam elas consonantes ou divergentes do posicionamento defendido pela maioria.

As discussões sobre a vinculação da Adua ao Sindicato Nacional iniciaram um ano antes, quando a entidade acabava de completar uma década de existência, na gestão conduzida pela Presidente professora Izabel Valle. A AG realizada no dia 26 de outubro de 1989, na Faculdade de Ciências da Saúde, teve entre as pautas a “transformação da Adua em Seção Sindical do Andes-SN”. Naquela Assembleia, com 48 participantes, a categoria deliberou a realização de um Seminário sobre o tema e de Reuniões Setoriais nas unidades, para aprofundamento dos aspectos jurídicos e políticos que tal mudança acarretaria.

Após aquela data, vários encontros focados nesse assunto se sucederam até que naquele fim de novembro de 1990 aproximadamente 200 professores

referendaram, durante a 6ª Assembleia Geral Extraordinária da entidade, no Auditório Dr. Zerbini, a transformação da Adua em seção sindical do Sindicato Nacional. A Ata contendo a decisão foi assinada por 193 docentes.

Congressos

Quase três anos mais tarde a Adua foi a Associação Docente anfitriã da 12ª edição do Congresso do ANDES-SN, realizado de 28 de fevereiro a 5 de março de 1993, pela primeira vez em Manaus. “O movimento docente, naquele período, teve papel fundamental ao barrar alguns aspectos da reforma neoliberal, que tentava transformar as universidades em colégios universitários, ou seja, sem essa preocupação com um centro de excelência em ensino, pesquisa e extensão”, disse o professor Henrique Pereira, presidente da Adua na gestão 1992-1994.

A capital amazonense só voltou a sediar uma edição do evento quase vinte anos mais tarde, no Congresso de 2012, realizado de 15 a 20 de janeiro, e considerado um dos maiores dos últimos tempos. A Adua teve a missão de colocar as demandas dos docentes da Amazônia em evidência, com o tema “Caprichar na educação e garantir direitos dos trabalhadores para ter futuro”.



Docentes durante o 1º Congresso de Servidores da Ufam em 1989



Profª Izabel Valle durante o aniversário de 10 anos da entidade



Adua na luta pela democratização na universidade em 1988



Presidente do ANDES-SN, prof. Márcio Oliveira, no Congresso de 93



Categoria ameaçou fazer nova greve este ano, mas recuou



Sindicalizados da Adua participam efetivamente das mobilizações

Desafio da Seção Sindical é combater a política de precarização da universidade e de desvalorização da carreira docente

Para o atual Presidente da Adua, professor Alcimar Oliveira, a palavra que melhor define a história de três décadas e meia da entidade é resistência. “Sobretudo pelo fato da Seção Sindical ainda manter um ambiente saudável de discussão, em que as contradições são colocadas de modo honesto”, disse.

Filiado desde 1986, Oliveira afirma que a atuação da Seção Sindical vai além das demandas da categoria. “A Adua, assim como o ANDES-SN, é um sindicato que além de lutar pelos direitos da categoria docente também reflete o modelo de Estado, de sociedade e de República”, completa. Para ele, a universidade pública, que deveria cumprir o papel de pensar o país, de reforçar essa agenda republicana sobre saúde,

educação, saneamento e segurança, “hoje, em grande medida, está retraída”.

Essa conjuntura, na avaliação de Oliveira, requer mais forças para combater a política de precarização das universidades e de desvalorização da carreira docente. “Isso aumenta enormemente o desafio de um sindicato autônomo, combativo, não atrelado a qualquer partido ou gestão”.

No entendimento do professor Jacob Paiva, 1º Secretário do ANDES-SN, chegar ao 35º aniversário da Adua é um desafio enorme. “Não tem sido fácil manter a luta do projeto de universidade defendido pelo Sindicato Nacional e pela Adua, entidade que não se controla pela troca de favores com reitorias, com governos ou com partidos. É uma história marcada

pelo espírito da democracia, da participação direta, da defesa do interesse público, diante das desigualdades que esse país apresenta”, avalia.

Paiva afirma ter visto no movimento docente organizado pela Adua “um caminho promissor para se construir um projeto de universidade e de sociedade reclamado pela população”. Sindicalizado desde 1991, quando iniciou as atividades como docente na Ufam, Jacob chama atenção para um dos desafios do atual movimento docente: fortalecer a atuação pela base da categoria. “Nós temos dificuldades de ter apoio de colegas que colocam o seu nome à disposição, seja para a direção, seja para o Conselho de Representantes nas unidades. Precisamos manter a ideia do sin-

dicalismo construído efetivamente no local de trabalho, onde a vontade coletiva se expresse nos espaços legítimos de participação, as Assembleias”, encerrou, acrescentando que são os desafios que mantêm o sindicato na luta e resistência.

Personagem

Em todo esse tempo, em que se iniciam e se findam as gestões, há um personagem cuja história se confunde com a própria existência da entidade e que desde o fim dos anos 80 soma forças na manutenção das atividades da Associação: o funcionário Erisson das Neves. “Entre na Adua por processo seletivo em 1993 para o cargo de office boy, após quatro anos virei assistente administrativo e permaneço devido a flexibilidade de horário”, afirma o funcionário.

Memórias:

28 de outubro de 1979 – Fundação da ADUA

09 de dezembro de 1979 – Estatuto da entidade publicado no Diário Oficial

30 de abril de 1980 – Primeira eleição para diretoria da ADUA

09 de maio de 1980 – Assembleia de Posse da 1ª diretoria eleita da seção sindical

11, 12 e 13 de junho de 1980 – Primeira paralisação das atividades docentes

22 de novembro de 1990 – ADUA se torna seção sindical do ANDES-SN

28 de fevereiro a 5 de março de 1993 – XII Congresso do ANDES-SN (1ª vez em Manaus)

15 a 20 de janeiro de 2012 – XXXI Congresso do ANDES-SN (2ª vez em Manaus)

15 de maio a 17 de setembro de 2012 – Maior greve da história da categoria



E lá se vão 35 anos de luta da querida Adua velha de guerra. Parabéns a todos aqueles que ajudaram na construção da entidade e que continuam na luta para mantê-la viva e atuante. Um grande abraço a todos os aduanos.

Izabel Valle (Presidente no biênio 1988-1990)



ADUA defende mais recursos para educação



Funcionário mais antigo da Associação



Quando parabeno a Adua, no fundo, estou parabeno todos os que construíram essa entidade. Homens e mulheres que direta ou indiretamente se colocaram em movimento e legitimaram as ações dessa importante Seção Sindical.

Antonio P. Oliveira (Presidente no biênio 2010-2012)



Entidade sediou inúmeros encontros regionais



Greve de 2012 foi a mais forte da categoria

Primeiro presidente eleito da Adua fala sobre os desafios do sindicalismo ontem e hoje

Eleito com cem votos para presidir a Associação dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas (Adua), no biênio 1980/1982, o professor da Faculdade de Estudos Sociais (FES) da Ufam, Ran-

dolpho Bittencourt, hoje aposentado, relembra, após 35 anos de existência da seção sindical, as dificuldades que precisou vencer à frente da entidade, para lutar pelos direitos da categoria e atuar na carreira docente,

dentro da universidade, em plena ditadura militar. Citando Platão, o ex-presidente avalia ainda o movimento docente atual, alertando sobre a importância da participação e do interesse da juventude na política. Confira!

Professor:
Randolpho Bittencourt
Formação:
Bacharel em Direito, especialista em Administração Pública e professor aposentado da Faculdade de Estudos Sociais (FES)

Como foi presidir uma entidade criada ainda no período da Ditadura Militar?

Foi inegavelmente uma situação de risco, porque ao lado do trabalho de fortalecimento de uma consciência política para a reorganização do movimento docente universitário não apenas no Amazonas, mas no Brasil inteiro, tínhamos de enfrentar um regime repressivo e violento da ditadura militar, baseado na aplicação intensiva de capital (principalmente internacional) e no arrocho salarial, que resultou na superexploração dos trabalhadores brasileiros e proporcionou o alcance de grandes lucros e enriquecimento fácil para os detentores do capital, aliados básicos da ditadura. Como consequência disso, as Universidades públicas, como instituições responsáveis pelo questionamento cultural e sócio-político do regime, foram garroteadas e submetidas a uma estrutura organizacional autoritária e repressiva em todos os níveis.

A fundação e implantação da Adua naquele momento histórico, ressentiu-se obviamente desse condicionamento. O corpo docente da Universidade do Amazonas, hoje Ufam, estava praticamente dividido entre os professores com posições ideológicas contra a ditadura e desejos de lutar de alguma forma contra essa situação; por outro lado, uma maioria daqueles que se mantinham submissos ao regime, achando que não adiantava lutar contra ele e o negócio era apenas sobreviver; e finalmente uma minoria que apoiava o regime, perseguia e denunciava os colegas e cumpria as ordens do poder instituído.

Em tal situação, a tarefa mais trabalhosa era tentar conseguir o apoio e a filiação dos professores. Reuniões e reuniões arriscadas e exaustivas na tarefa de convencer e motivar os colegas ameaçados pela repressão. Depois, vieram as primeiras greves e a luta dos professores prosseguiu com suas reivindicações.

Quais eram os desafios naquela época?

Inúmeros, pois nós professores além do convívio obrigatório em sala de aula, com oficiais militares que ingressavam na Universidade, através do Decreto-Lei 477 da Ditadura e sem fazer vestibular, os quais serviam na sua grande maioria de agentes de informação, para perseguir e denunciar os atos dos professores e alunos. Havia, também, na Universidade uma Assessoria Especial de Informações – AESI que preparava os processos contra todas aquelas que se insur-

gissem contra o pensamento dominante. Pessoalmente, respondi a 2 IPMs- Inquéritos Policial Militares, relativamente à minha ligação com o PCB.

Em outro momento, quando exercia a Direção da Faculdade de Ciências Econômicas da então Universidade do Amazonas (UA), fui demitido do cargo, em razão do discurso de Parainfo de uma turma de Economistas, Administradores e Contadores, e, no discurso, denunciarmos a submissão do Governo brasileiro às determinações do capital estrangeiro do Fundo Monetário Internacional (FMI) e à intervenção e ingerência estadunidense não somente no Brasil, como na América Latina, financiando e organizando golpes militares. Naturalmente, o discurso proferido confrontava o interesse da comunidade acadêmica e as estruturas dominantes, pois já naquele momento em função dos recursos internacionais que eram destinados para as pesquisas, uma vez que grande parte das universidades não possuíam orçamento específico para tal, havia uma ênfase do modelo estadunidense.

O que essa experiência acrescentou na sua vida pessoal e profissional?

Faço minha a frase do filósofo Henri Bergson quando diz: “Penso como homem de ação, mas atuo como homem de pensamento”. Indubitavelmente, lutei sempre pela coerência entre a vida pessoal e profissional, pois como docente inconformista e crítico ao modelo ditatorial, a experiência de presidir a Adua, com um grupo de extraordinários colegas professores, fez consolidar na minha vida pessoal a convicção absoluta sobre a necessidade do Socialismo Revolucionário, para a libertação dos povos oprimidos e segregados da sociedade capitalista. E, na vida profissional, a certeza de que num mundo injusto e espoliado é preciso lutar na trincheira da sala de aula pela libertação intelectual dos estudantes através de um processo crítico e libertador, no qual a Universidade deve ser a elaboradora do conhecimento, pesquisadora de respostas às grandes questões humanas, crítica dos valores vigentes, debatedora dos angustiantes problemas do homem moderno, especialmente no campo ideológico e social, como agente histórico de transformação da própria sociedade.

Quando o senhor assumiu a diretoria da Adua, qual era a situação vivenciada na Ufam?

A Universidade do Amazonas, hoje Ufam, vivia, também, o processo de garroteamento e dominação exercido pelo governo ditatorial, que era a problemática geral da Universidade brasileira naquela época. Assim, a sua estrutura organizacional era

autoritária, além de anacrônica, onde a ocupação dos cargos de alta direção era feita através de nomeações governamentais, sem a escolha eleitoral (que era uma das primeiras reivindicações da Adua). No que se refere ao quadro docente inexistia um Plano de Cargos, Carreiras e Salários, que sem sombra de dúvida era também uma dos principais questionamentos do movimento universitário. Vale acrescentar, ainda, a inexistência de uma autonomia didático-pedagógica que permeava as estruturas curriculares dos diversos cursos, sendo também, movimento reivindicatório dos estudantes.

Por fim, havia apesar de tudo, o surgimento de um posicionamento dentro da instituição, enquanto universidade pensante, de estudantes e professores que não aceitavam o autoritarismo reinante. E tenho certeza que a Adua teve historicamente um papel significativo nesse processo.

Como o senhor avalia o movimento sindical docente, hoje?

Basicamente avalio através de duas perspectivas: a primeira é que no transcorrer do atual processo histórico, em que a sociedade brasileira dividida em classes, ainda não superou a dimensão hierárquica imposta pela lógica escravista da “casa grande e senzala”, se constata que o movimento sindical docente tem lutado e buscado construir um posicionamento válido e consciente do verdadeiro papel da instituição universitária, como importante órgão de participação na vida e na transformação da sociedade, até porque a capacidade de formação e transformação da opinião pública, a médio ou longo prazo, com suas profundas consequências para vida política, é que faz da Universidade uma presa sempre cobiçada para as manipulações do poder ou dos grupos que procuram dominá-la, e é nesse contexto que o exemplo histórico da Adua e do mais autêntico movimento docente, pode ser a resposta que se faz necessária. Evidentemente, a outra perspectiva é que em função do pragmatismo e do pensamento utilitarista do “vencer na vida”, tem levado a Universidade Pública a transformar-se numa autêntica fábrica de diplomas para atendimento do mercado e da ação massiva da doutrina do neoliberalismo, que ainda persiste em meio à atual crise mundial do capitalismo e tendo como principal objetivo enfraquecer o movimento sindical. Portanto, diante dessas perspectivas e como elucidou o filósofo Platão “Não há nada de errado com aqueles que não gostam de política, simplesmente serão governados por aqueles que gostam”.

Assim sendo, é válido dizer: A LUTA CONTINUA!



Foto: Annyelle Bezerra

Demonstrativo mensal das receitas e despesas de 01/08/2014 a 29/08/2014

		MÊS ANT.	MÊS ATUAL	% MÊS AT.
1	INGRESSOS	68.608,34	67.068,32	100,00%
1.1	RECEITAS	68.608,34	67.068,32	100,00%
1.1.1	Contribuição dos Associados	66.742,30	66.814,70	99,62%
1.1.2	Restituição de Passagem Aerea/Prof. Belizario	1.580,00	-	0,00%
1.1.3	Rendimento da Aplicação Financeira	223,84	206,37	0,31%
1.1.4	Receitas com Reprografia	62,20	47,25	0,07%
2	SAÍDAS	49.807,70	56.149,84	100,00%
2.1	PESSOAL	9.301,49	15.710,00	27,98%
2.1.1	Salários	7.642,49	13.498,00	24,04%
2.1.2	Vale Transportes/Alimentação	1.659,00	2.212,00	3,94%
2.2	ENCARGOS SOCIAIS/IMPOSTOS	5.118,30	5.642,45	10,05%
2.2.1	Contribuição INSS	3.793,32	4.241,83	7,55%
2.2.2	Contribuição FGTS	861,18	962,14	1,71%
2.2.3	PIS Folha de Pagamento	107,65	120,27	0,21%
2.2.4	IRRF s/Férias e Salários	356,15	318,21	0,57%
2.3	SERVIÇOS PRESTADOS - PESSOA FISICA	7.706,14	3.626,00	6,46%
2.3.1	Serviços de Manutenção de Equip.de Informatica	1.236,00	1.086,00	1,93%
2.3.2	Serviços de Diagramação de Material Impresso	800,00	-	0,00%
2.3.3	Serviços de Assessoria Jurídica	1.500,00	1.500,00	2,67%
2.3.4	Serviços de Confecção/Faixas/Cartazes	210,00	240,00	0,43%
2.3.5	Serviços Administrativos	2.900,14	-	0,00%
2.3.6	Serviços de Limpeza/Manutenção	1.060,00	800,00	1,42%
2.4	SERVIÇOS PRESTADOS - PESSOA JURIDICA	4.963,24	4.951,83	8,82%
2.4.1	Serviços Graficos	3.300,00	3.300,00	5,88%
2.4.2	Serviços de Manutenção de Home Page	215,24	203,83	0,36%
2.4.3	Serviços Contábeis	1.448,00	1.448,00	2,58%
2.5	CONTRIBUIÇÃO ANDES - SINDICATO NACIONAL	15.616,37	15.616,37	27,81%
2.5.1	Contribuição ao Sindicato Nacional	13.263,18	13.263,18	23,62%
2.5.2	Contribuição Comando Nacional de Mobilização	231,00	231,00	0,41%
2.5.3	Contribuição Fundo de Solidariedade	530,55	530,55	0,94%
2.5.4	Contribuição Sindical Conlutas	1.591,64	1.591,64	2,83%
2.6	PASSAGENS, DIARIAS E HOSPEDAGENS	3.445,42	6.590,59	11,74%
2.6.1	Passagens Aereas/Terrestres	235,90	4.886,59	8,70%
2.6.2	Despesas com Hospedagens	2.969,52	624,00	1,11%
2.6.3	Diárias (Transportes/Alimentação)	240,00	1.080,00	1,92%
2.8	BENS DE CONSUMO	3.612,64	3.963,13	7,06%
2.8.1	Telefone	465,42	334,58	0,60%
2.8.2	Correios/Malotes	505,70	-	0,00%
2.8.3	Taxi, Fretes e Onibus	158,50	-	0,00%
2.8.4	Combustível	250,00	225,00	0,40%
2.8.5	Cartório (Copias e Autenticações)	32,48	2.645,52	4,71%
2.8.6	Material de Expediente/Limpeza	370,50	357,43	0,64%
2.8.7	Refeições e Lanches (Copa/Cozinha)	155,14	248,00	0,44%
2.8.8	Materiais Hidraulicos/Eletricos	18,00	28,20	0,05%
2.8.9	Despesas com Eventos	1.538,97	-	0,00%
2.8.10	Assinatura Provedor/Internet/Revistas	117,93	124,40	0,22%
2.10	ENCARGOS FINANCEIROS	44,10	49,47	0,09%
2.10.1	Despesas Bancarias/Juros e Multa	44,10	49,47	0,09%
QUADRO RESUMO				
SALDO ANTERIOR		132.181,36	150.982,00	
	RECEITAS	68.608,34	67.068,32	
	DESPEAS	(49.807,70)	(56.149,84)	
RESULTADO OPERACIONAL		150.982,00	161.900,48	
	Banco do Brasil S/A C/C	196.878,33	207.768,71	
	Aplicação Banco do Brasil	29.361,57	29.567,94	
	CAIXA	178,43	0,16	
SALDO ATUAL DISPONIVEL		226.418,33	237.336,81	

Demonstrativo mensal das receitas e despesas de 01/09/2014 a 30/09/2014

		MÊS ANT.	MÊS ATUAL	% MÊS AT.
1	INGRESSOS	67.068,32	67.619,74	100,00%
1.1	RECEITAS	67.068,32	67.619,74	100,00%
1.1.1	Contribuição dos Associados	66.814,70	66.525,10	98,38%
1.1.2	Rendimento da Aplicação Financeira	206,37	1.086,64	1,61%
1.1.3	Receitas com Reprografia	47,25	8,00	0,01%
2	SAÍDAS	56.149,84	48.166,09	100,00%
2.1	PESSOAL	15.710,00	12.519,23	25,99%
2.1.1	Salários	13.498,00	10.307,23	21,40%
2.1.2	Vale Transportes/Alimentação	2.212,00	2.212,00	4,59%
2.2	ENCARGOS SOCIAIS/IMPOSTOS	5.642,45	8.077,78	16,77%
2.2.1	Contribuição INSS	4.241,83	5.496,45	11,41%
2.2.2	Contribuição FGTS	962,14	1.291,77	2,68%
2.2.3	PIS Folha de Pagamento	120,27	161,47	0,34%
2.2.4	IRRF s/Férias e Salários	318,21	1.128,09	2,34%
2.3	SERVIÇOS PRESTADOS - PESSOA FISICA	3.626,00	3.986,00	8,28%
2.3.1	Serviços de Manutenção de Equip.de Informatica	1.086,00	1.086,00	2,25%
2.3.2	Serviços de Diagramação de Material Impresso	-	800,00	1,66%
2.3.3	Serviços de Assessoria Jurídica	1.500,00	1.500,00	3,11%
2.3.4	Serviços de Confecção/Faixas/Cartazes	240,00	-	0,00%
2.3.5	Serviços de Limpeza/Manutenção	800,00	600,00	1,25%
2.4	SERVIÇOS PRESTADOS - PESSOA JURIDICA	4.951,83	1.651,83	3,43%
2.4.1	Serviços Graficos	3.300,00	-	0,00%
2.4.2	Serviços de Manutenção de Home Page	203,83	203,83	0,42%
2.4.3	Serviços Contábeis	1.448,00	1.448,00	3,01%
2.5	CONTRIBUIÇÃO ANDES - SINDICATO NACIONAL	15.616,37	17.613,11	36,57%
2.5.1	Contribuição ao Sindicato Nacional	13.263,18	15.270,19	31,70%
2.5.2	Contribuição Comando Nacional de Mobilização	231,00	230,00	0,48%
2.5.3	Contribuição Fundo de Solidariedade	530,55	528,23	1,10%
2.5.4	Contribuição Sindical Conlutas	1.591,64	1.584,69	3,29%
2.6	PASSAGENS, DIARIAS E HOSPEDAGENS	6.590,59	2.466,92	5,12%
2.6.1	Passagens Aereas/Terrestres	4.886,59	1.701,32	3,53%
2.6.2	Despesas com Hospedagens	624,00	525,60	1,09%
2.6.3	Diárias (Transportes/Alimentação)	1.080,00	240,00	0,50%
2.8	BENS DE CONSUMO	3.963,13	1.738,07	3,61%
2.8.1	Telefone	334,58	331,39	0,69%
2.8.2	Taxi, Fretes e Onibus	-	12,50	0,03%
2.8.3	Combustível	225,00	150,00	0,31%
2.8.4	Cartório (Copias e Autenticações)	2.645,52	-	0,00%
2.8.5	Material de Expediente/Limpeza	357,43	878,53	1,82%
2.8.6	Refeições e Lanches (Copa/Cozinha)	248,00	152,15	0,32%
2.8.7	Materiais Hidraulicos/Eletricos	28,20	-	0,00%
2.8.8	Assinaturas de Revistas/Jornais	-	89,10	0,19%
2.8.9	Assinatura Provedor/Internet/Revistas	124,40	124,40	0,26%
2.10	ENCARGOS FINANCEIROS	49,47	113,15	0,23%
2.10.1	Despesas Bancarias/Juros e Multa	49,47	113,15	0,23%
QUADRO RESUMO				
SALDO ANTERIOR		161.900,48	172.818,96	
	RECEITAS	67.068,32	67.619,74	
	DESPEAS	(56.149,84)	(48.166,09)	
RESULTADO OPERACIONAL		172.818,96	192.272,61	
	Banco do Brasil S/A C/C	207.768,71	26.133,19	
	Aplicação Banco do Brasil	29.567,94	230.654,58	
	CAIXA	0,16	2,69	
SALDO ATUAL DISPONIVEL		237.336,81	256.790,46	

Literatura

Núcleo da Ufam festeja 60 anos do Clube da Madrugada, em Manaus

A Coordenação e Núcleo de Pesquisa em Linguagem e Expressão Amazônica (Complexa), da Ufam, promoveu, em novembro deste ano, um evento em comemoração aos 60 anos do Clube da Madrugada. Fundado em 22 de novembro de 1954, o clube tinha a intenção de fazer oposição à Academia Amazonense de Letras, que, segundo seus membros, não dava vez aos jovens. Com seus encontros na Praça Heliodoro Balbi, o Clube da Madrugada, tornou-se um dos movimentos artístico-cultural mais importantes da história amazônica.

Os fundadores, Celso Melo, Farias de Carvalho, Fernando Colyer, Francisca Ferreira Batista, Humberto Paiva, João Bosco Araújo, José Pereira Trindade, Luiz Bacellar, Saul Benchimol e Teodoro Botinelly, assumiram a missão de resgatar e tra-

zer frescor à atividade artística produzida no Amazonas, alcançando grande destaque na literatura.

Comemorando seis décadas de história, o Clube da Madrugada ganhou uma homenagem com um evento que abrigou diversas expressões artísticas. Na programação, estiveram palestras com professores convidados, entrevistas, leituras dramatizadas, teatro, recitais, lançamento de livros e bate-papo com escritores para divulgar a produção literária dos autores filiados ao clube.

O evento "Clube da Madrugada: 60 anos" teve como público-alvo estudantes, professores e todos com interesse em literatura, em especial na produção amazônica.

A programação ocorreu entre os dias 17 e 19 de novembro, no auditório Rio Solimões no ICHL, Setor Sul da Ufam.



Na poesia, a primeira fase do clube foi neo-simbolista. Já na prosa de ficção, era encontrada a narrativa telúrica ou regionalista.

Vale a pena ver

Título Original: Índia: Matri Bhumi
Gênero: Documentário
País de Origem: França/ Índia/ Itália
Ano: 1959

Quando deixamos o cinema onde havíamos assistido, em uma sala lotada e respeitosamente em silêncio, ao célebre documentário Índia - Matri Bhumi, de Roberto Rossellini - pela primeira vez mostrado comercialmente na América do Sul -, num primeiro momento nos vimos desconcertados.

A propaganda que antecedeu a exibição do documentário de 1959 e comparado pelo francês Jean-Luc Godard a alguns docs mitológicos como Tabu, de Murnau, Viva México de Eisensentain, e ao genial Nem tudo é verdade, de Orson Welles, nos parecia exagerada. "Índia é a criação de um mundo", escreveu Godard depois de assisti-lo no Festival de Cannes no mesmo ano em que foi concluído.

Contribuiu para esta primeira impressão a precariedade da cópia exibida embora soubéssemos que a qualidade máxima conseguida pela competência dos técnicos da Cinemateca de Bolonha para salvar o documentário do italiano, um ícone dos cinéfilos, era aquela mesmo. Mas o filme tinha sido realizado em Gevaert - material de época e de difícil ou quase impossível conservação. Alguns fotogramas não foram salvos e muito da sua cor se foi com o tempo.

E seu autor tinha viajado à Índia para filmar menos de quinze anos depois de terminada a grande guerra que devastara seu país. Roma ainda respirava a atmosfera dos restos de cidade aberta. O mundo intelectual europeu mais que nunca estava alerta como forma de defesa cultural. A Índia estava longe de entrar nos pacotes de turismo de massa que passaram, depois, a vender o misticismo e o oriente como sanduíche do McDonalds.

A visão do oriente do ocidental Rossellini no entanto não é distorcida. Nem extravagante nem exótica. É real. O cinema é realista.

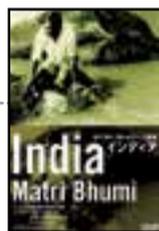
No contexto em que se deu a realização de

Índia, consideramos que o diretor pertencia à mais sofisticada estirpe do pensamento europeu. E não contava ainda, como fonte de reflexão, com o magnífico livro Índia, um olhar amoroso, de outro brilhante pensador (e celebrado roteirista de filmes), o francês Jean-Claude Carrière, com abordagem semelhante à sua. O livro do roteirista preferido de Buñuel é ainda hoje um dicionário de leitura obrigatória para os que se interessam pelo hinduísmo.

No dia seguinte à exibição no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, e com o filme insistindo em ganhar vida própria e se projetando internamente diversas vezes, percebemos como Índia é especial. Trata-se de um filme apaixonado porém de alguém que se deixa levar, intuitivamente, por esse amor e pausa o olhar sobre o país sem crítica nem benevolência. Muito menos é místico. Apenas constata a sucessão de momentos em que o homem compartilha a vida com os animais e a natureza. Com serenidade e sempre com o senso de humor italiano.

No filme, Rossellini esquece, assim como Carrière o fez em suas mais de vinte viagens a diversas regiões do país, a crença ocidental "profundamente estabelecida, na racionalidade do mundo". Rossellini entendeu o mesmo que o francês: "Se quisermos tudo explicar e compreender, trazer todo o espetáculo (da Índia) para a nossa lógica, compará-lo, avaliá-lo, ficaremos rapidamente desgarrados, decepcionados, até exasperados". Segundo os dois artistas, a ideia é esta: a Índia se observa a si mesma, se analisa, mas não se explica a si mesma. Nela [Índia], a diferença é que reúne, e a pluralidade é o cimento. "(Lá) a ilusão é que é real", anotou Carrière.

Léa Maria Aarão Reis é jornalista e escritora. Leia o texto na íntegra no site da Carta Maior (<http://cartamaior.com.br/>).



Vale a pena ler

Catálogo: Povos e comunidades tradicionais - nova cartografia social
Autores: Alfredo Wagner Berno de Almeida e Emmanuel de Almeida Farias Júnior
Nº de páginas: 176

Fartamente ilustrado, "Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social" tem o seu mérito por referenciar trabalhos da equipe do Projeto Novas Cartografia na Amazônia (PNCSA), acrescido de breves textos de análise e registro de atividades de investigação e assessoria aos movimentos sociais, principalmente na Amazônia.

"Soberania, democracia e cidadania", texto de João Pacheco de Oliveira, como introdução ao próprio catálogo, traça uma breve história da cartografia destacando a elaboração de mapas como elemento de apoio às lutas sociais. "Nova Cartografia Social da Amazônia", de Alfredo Wagner Berno de Almeida, apresenta os objetivos do Projeto e a metodologia empregada para a elaboração de mapas de diferentes processos de territorialização, enfatizando o mapear como "instrumento de luta e publicização de direitos territoriais e étnicos" (pág. 33) em cenários de disputas e conflitos.

"Mapeamento e tramas territoriais", de Henri Acelrad, indica a importância do "mapeamento participativo" e de uma "cartografia social" nas "demandas por terra e demandas territoriais" (pág. 109) no contexto das mudanças jurídicas e fundiárias experimentadas no país no período pós Constituição Federal de 1988. Em "Nova Cartografia Social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras", o texto mais consistente - se assim se pode dizer! - do livro, Alfredo Wagner Berno de Almeida, defende uma nova forma de cartografar que, distinta de uma mera "descrição de cartas ou a um traçado de mapas se configura como uma modalidade nova de

observação dos fatos e de descrição da vida social dos povos", que, como diz o autor, "se avizinha da etnografia" (pág. 157), instaurando uma contranarrativa ao oficialismo das interpretações primordialistas que essencializam as comunidades tradicionais (pág. 171) na medida em que - através do "mapa etnográfico" - valoriza a descrição do espaço físico pelos próprios agentes sociais em suas lutas contra o colonialismo.

A publicação, "Mais que um catálogo", como, aliás, indica o título do pequeno texto de Aurélio Vianna Jr. também inserido no volume, traz uma listagem da diversificada produção - fascículos, mapas, livros, vídeos etc. - no período de 2004 a 2011, oferecendo uma visão ampla "sobre o Projeto Nova Cartografia Social na Amazônia e seu modo de fazer etnografias e apresentá-las cartograficamente, servindo assim como um instrumento que dá visibilidade a grupos étnicos e suas demandas territoriais" (pág. 96).

Em si mesmo um catálogo, "Povos e comunidades tradicionais - nova cartografia social" é mais que um catálogo. Em que pese o tom por demais "publicitário" do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia e de seu líder, o antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida, defeito que poderia ter sido evitado, a publicação deve ser vista/lida como demonstração de como novas tecnologias e novas metodologias de pesquisa podem ser postas a serviço do fortalecimento e apoio das lutas dos povos e populações, não apenas na Amazônia, mas em todas as partes, que lutam por afirmar as suas identidades e garantir os seus espaços de viver não subordinado.

Lino João de Oliveira Neves é professor do Departamento de Antropologia da Ufam.



Dicas da web

Aplicativo gerencia alimentação e ajuda no emagrecimento

O TecnoNutri (https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.tecnonutri.app&hl=pt_BR) é um aplicativo para dieta e saúde, que apresenta uma ferramenta de diário alimentar com uma extensa biblioteca de tabelas nutricionais.

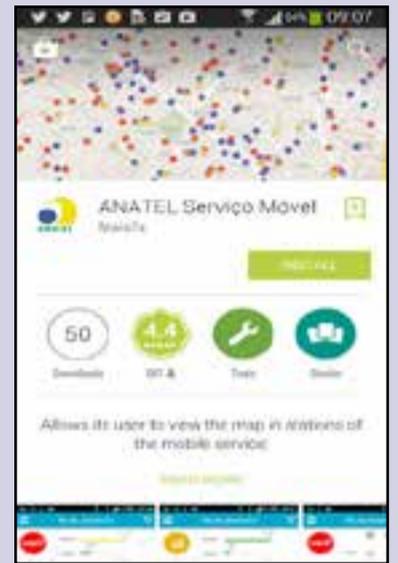
O aplicativo se destaca por estar em português e ser mais que um mero contador de calorias. Bastante intuitivo, sendo uma boa ferramenta para os usuários que já estão decididos a acompanhar sua alimentação, de maneira mais detalhada.



Qualidade da conexão checada pelo celular

A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) lançou um aplicativo que permite ao usuário conferir a qualidade dos serviços de conexão móvel oferecido pelas cinco operadoras brasileiras: Vivo, TIM, Claro, Oi e Nextel.

Chamado "Anatel Serviço Móvel" (<https://itunes.apple.com/gb/app/anatel-servico-movel/id925083319?mt=8&ign-mpt=uo%3D2>), o app gera as avaliações por município, de acordo com a tecnologia (2G, 3G e 4G).



Comentários

Lúcia Makarem - Salas lotadas e com ar condicionados queimados. São os investimentos feitos para receber a demanda. E os professores guerreiros da academia, virem-se. (Sobre a publicação da Edição Agosto/ Setembro do Jornal da Adua que teve como manchete a suspensão do uso de animais vertebrados na Ufam)



Jose Humberto Michiles Michiles - Hoje valeu muito a reunião do Movimento Educar para a Cidadania. Foi uma lição de cidadania dada pelos jovens universitários. Apresentaram para os presentes a preocupação deles com a acessibilidade no transporte coletivo no Campus da UFAM. Um problema que deveria ganhar mais espaço nas discussões da comunidade que frequenta aquele espaço. Valeu Pedro, Gabriel e Renan, vocês demonstram que já estão preocupados com as próximas gerações. O que não é o que sentimos nos velhos, nem nos novos professores, técnicos e alunos da nossa Ufam. Infelizmente!! (Sobre o debate organizado pelo Movimento Educar Para a Cidadania acerca do transporte coletivo no campus da Ufam)



Marcelo Seráfico - A escolha e pra la de difícil, mas ha três que considero especialmente importantes: Marilene Correa, Octavio Ianni e Antônio Cattani. Estou sendo injusto com Henyo Trindade Barreto Filho, João Manuel Cardoso de Mello, Ernesto Renan Freitas Pinto e José Carlos dos Anjos, pelo menos. (Sobre a "homenagem-desafio" lançada pela Adua em comemoração ao Dia do Professor, que pedia aos docentes que mencionassem três professores que mais os inspiraram)



boas lições



ANS faz consulta pública sobre medidas para reduzir número de cesarianas

No último dia 15 de outubro, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) pôs em consulta pública duas resoluções que visam reduzir o número de cesarianas desnecessárias na saúde suplementar brasileira.

As medidas preveem, por exemplo, que as beneficiárias de planos de saúde possam solicitar taxas de cesárea e partos normais por estabelecimento e por médico, independentemente de estarem grávidas.

Além da transparência de informações, as resoluções incluem a apresentação do partograma, que deverá conter anotações do desenvolvimento do trabalho de parto e das condições de saúde maternas e fetais. O documento será parte integrante do processo para pagamento do parto pelas operadoras.

Outra novidade é a distribuição, pelos planos de saúde, do

Cartão da Gestante e da Carta de Informação à Gestante para registro de consultas de pré-natal, com orientações e dados de acompanhamento da gestação.

As novas normas estiveram disponíveis para análise da população no site da ANS (www.ans.gov.br). O envio das contribuições ocorreram do dia 24 de outubro a 23 de novembro em formulário também disponível no portal da agência. A expectativa do governo é que as mudanças entrem em vigor em dezembro.

A gerente de Atenção à Saúde da ANS, Carla Coelho, lembrou que a cesariana, quando não há indicação médica, provoca riscos desnecessários à saúde da mulher e do bebê, uma vez que aumenta em 120 vezes a probabilidade de problemas respiratórios para o recém-nascido e triplica o risco de morte da mãe.

"A cesariana também é um procedimento que salva vidas.

Ninguém está demonizando a cesariana. É um procedimento importante e, muitas vezes, tem que ser feito. Mas existem indicações específicas", disse a gerente. Atualmente, no Brasil, o percentual de partos cesáreos chega a 84% na saúde suplementar.

Para o diretor-presidente da ANS, André Longo, o número de cesarianas desnecessárias no país é um problema complexo e que existe há bastante tempo. "É uma problemática que temos vivenciado, mas temos o firme propósito de tentar mudar essa realidade", disse.

O ministro da Saúde, Arthur Chioro, avaliou que é preciso enfrentar a dimensão cultural do parto cesáreo. Ele fez um comparativo com a situação enfrentada na década de 70, quando o aleitamento materno era visto como inadequado e substituído pelo artificial.